

Animismo, de que se trata mesmo?



Paulo Neto

Animismo, de que se trata mesmo?

(Ensaio)

(Versão 5)

“A alma do médium pode comunicar-se como a de qualquer outro. Se goza de certo grau de liberdade, recobra suas qualidades de Espírito.” (ALLAN KARDEC)

Paulo Neto

Copyright 2021 by
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:

<https://media.istockphoto.com/photos/woman-heading-for-dreamland-picture-id612858060?k=20&m=612858060&s=612x612&w=0&h=Nvc-M6WIBVq6yFkDgjQhO4gps8b6j6iGkk70rvnvl6g=>

Revisão:

Artur Felipe Ferreira

Hugo Alvarenga Novaes

Diagramação:

Paulo Neto

site: www.paulosnetos.net

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, setembro/2021.

Índice

Introdução.....	4
Animismo: a sua definição.....	7
Na visão dos autores espíritas clássicos.....	10
Nas obras da Codificação Espírita.....	29
Em Obras Póstumas.....	45
Visão de autores da atualidade.....	49
Autores do além-túmulo também opinam.....	64
Conclusão.....	72
Referências bibliográficas.....	73
Dados biográficos do autor.....	75

Introdução

Parece-nos que existe uma certa confusão entre o que é, de fato, o animismo com o que, geralmente, atribuem ou julgam sê-lo. Variadas vezes, temos visto a designação de animismo como sendo tudo que provém do médium, seja na composição ou do processo do fenômeno mediúnicos, vamos assim dizer.

A pergunta que não quer calar é: Não seriam duas coisas distintas, ou seja, de um lado estão os recursos que os Espíritos se utilizam dos médiuns e de outro a manifestação da alma ou Espírito do próprio médium?

Para uma grande maioria dos espíritas a utilização pelo Espírito manifestante da mínima coisa do arquivo de conhecimentos do médium é animismo, bem como a sua doação do ectoplasma para os fenômenos de efeitos físicos.

Enfim, se há algo do próprio médium, seja ele o

que for, é animismo. Percebemos, então, que o pensamento comum é de que **tudo que possa vir da “alma do médium” na produção do fenômeno mediúnico, é visto como sendo animismo**, sem qualquer distinção.

Informamos que o grifo em negrito é nosso, o mesmo acontecerá nas transcrições, quando ocorrer de não ser, avisaremos.

Na **Revista Espírita 1867**, mês de abril, encontramos a seguinte e muito pouco conhecida fala de Allan Kardec (1804-1869), o Codificador do Espiritismo:

[...] **O Espiritismo não disse ainda a sua última palavra**, muito longe disto, não mais sobre as coisas físicas do que sobre as coisas espirituais. **Muitas das descobertas serão o fruto de observações ulteriores.** O Espiritismo não fez, de alguma sorte, **até o presente, senão colocar os primeiros degraus** de uma ciência cuja importância é desconhecida. **Com a ajuda do que já descobriu, ele abre àqueles que virão depois de nós o caminho das investigações numa ordem especial de ideias.** Não procede senão por observações e deduções. [...]. (1)

Ocasionalmente relembramos essa explicação do Mestre de Lyon, pois não devemos deixar de chamar a atenção de nossos leitores para o fato de que o Espiritismo não tem ponto final, uma vez que o Codificador não fez “senão colocar os primeiros degraus”, mas que será “fruto de observações ulteriores” através dos “que virão depois de nós”.

Animismo: a sua definição

É importante apresentarmos logo de início a definição correta do termo do qual trataremos, para que possamos nos fazer entender, pois sem isso, você, caro leitor, pode ficar sem condições de acompanhar a nossa linha de raciocínio.

Em “Vocabulário Espírita”, no [site O Consolador](#), temos como definição o seguinte:

Animismo [do latim *anima*= alma + -ismo] – 1. Teoria segundo a qual a alma é simultaneamente princípio de vida orgânica e psíquica. 2. Para o Espiritismo, é relativo aos fenômenos intelectuais e físicos que deixam supor **uma atividade extracorpórea ou a distância do organismo humano**, e mais especialmente **todos os fenômenos que podem ser explicados por uma ação que o homem vivo exerce além dos limites do corpo**, ou seja, o conjunto dos fenômenos psíquicos produzidos com a cooperação consciente ou inconsciente dos médiuns em ação. Se ele tem por causalidade o Espírito desencarnado, o fenômeno denomina-se espiritual ou mediúnico; mas, **se o Espírito é o próprio encarnado, chama-se anímico.** (2)

Essa definição se aproxima à de Alexandre Aksakof (1832–1903), criador do termo *Animismo*, por tratá-lo como “uma atividade extracorpórea ou a distância do organismo humano” e concluir dizendo se referir à “ação que o homem exerce fora dos limites do corpo”. Será essa a que tomaremos.

Acreditamos que, no próximo tópico, o conceito de Aksakof ficará mais claro quando desenvolvermos as suas considerações.

O escritor Lamartine Palhano Júnior (1946-2000), em **Léxico Kardeciano**, oferece-nos a seguinte explicação, inserida na definição que dá do termo anímico:

[...] O *Animismo* é um neologismo usado por Alexandre Aksakof, para significar que a alma do médium pode comunicar-se como a de qualquer outro, pois, se há certo grau de liberdade, recobra suas qualidades de espírito. Na prática espírita, trata-se de um estado de transe, no qual quem opera, produzindo fenômenos psíquicos e mesmo de efeitos físicos, é o espírito do próprio encarnado e não um espírito desencarnado, pois, nesse caso, seria mediunismo e não animismo. Desde que há dissociação psíquica e o espírito de uma pessoa se emancipa, mesmo que seja parcialmente, ele

pode produzir os mesmos fenômenos produzidos pelos espíritos que se comunicam através de médiuns. Os fenômenos espíritas são de duas naturezas: *anímicos* e *mediúnicos*. **Embora Allan Kardec não tenha utilizado esse termo**, descreveu o fenômeno, chamando-o de *médianimique* (*Vocabulaire Spirite*) e **o explicou claramente, no capítulo sobre emancipação da alma** em *O Livro dos Espíritos* e em seu livro *Obras Póstumas* (nº 46, p. 62).

A alma encarnada ou, se o preferirem, o próprio espírito do sonâmbulo, ou do médium, **pode, portanto, fazer quase o que fará a alma desencarnada** e até mais, se for mais adiantado, com a única diferença, todavia, de que, estando mais livre pelo seu desprendimento completo, a alma tem percepções especiais inerentes ao seu estado. (*Obras Póstumas*, nota da pág. 90, penúlt. §, p. 92.) ⁽³⁾ (itálico do original)

Da mesma forma, temos aqui, nessas duas últimas transcrições, o conceito bem próximo do de Aksakof. Quanto a referência à emancipação da alma, iremos ver mais à frente ao pesquisarmos as obras publicadas por Allan Kardec.

Na visão dos autores espíritas clássicos

Vamos citá-los obedecendo à ordem cronológica de publicação de suas obras. Assim, o primeiro da lista, indubitavelmente, será Alexandre Aksakof, que, como dito, foi o criador desse termo.

1º) (1890) **Alexandre Aksakof**, **Animismo e Espiritismo** (vol. I e II)

No “Prefácio da Edição Alemã”, do **Volume I**, o autor confessa que “Interesso-me pelo movimento espírita desde 1855, e, desde então, não deixei de estudá-lo em todas as suas particularidades e através de todas as literaturas.” (4)

Essa informação é importante para demonstrar que Aksakof não foi um neófito entusiasmado, uma vez que grande parte dos espíritas não conhece suas obras. Desse volume, transcrevemos:

Para mim a luz só começou a despontar no dia em que o meu índice me forçou a introduzir a rubrica do **Animismo**, isto é, quando **o estudo**

atento dos fatos me obrigou a admitir que todos os fenômenos mediúnicos, quanto ao seu tipo, podem ser produzidos por uma ação inconsciente do homem vivo – conclusão que não repousava sobre uma simples hipótese ou sobre uma afirmação gratuita, mas sobre **o testemunho irrecusável dos próprios fatos** –, donde esta consequência, **que a atividade psíquica inconsciente do nosso ser não é limitada à periferia do corpo** e não apresenta um caráter exclusivamente psíquico, mas **pode também transpor os limites do corpo**, produzindo efeitos físicos e mesmo plásticos ⁽⁵⁾; por conseguinte, essa atividade **pode ser intracorpórea ou extracorpórea**.

Essa última oferece um campo de exploração inteiramente novo, cheio de fatos maravilhosos, geralmente considerados como sobrenaturais; é esse domínio, tão imenso, senão mais, do que o do Espiritismo, que **designei sob o nome de Animismo, a fim de distingui-lo** daquele de uma maneira categórica.

É extremamente importante reconhecer e estudar a existência e a atividade desse elemento *inconsciente* da nossa natureza, nas suas mais variadas e mais extraordinárias manifestações como as vemos no *Animismo*. Só tomando esse ponto de partida é possível dar uma razão de ser aos fenômenos e às pretensões do Espiritismo, pois que, se alguma coisa sobrevive ao corpo e persiste, é precisamente o nosso *inconsciente*, ou melhor, essa consciência interior que não conhecemos presentemente, mas que constitui o elemento primordial de toda individualidade.

Dessa maneira, **temos** à nossa disposição *não uma, porém três hipóteses, suscetíveis de fornecer a explicação dos fenômenos mediúnicos*, hipóteses cada uma das quais tem a sua razão de ser para a interpretação de uma **série de fatos determinados**; por conseguinte, **podemos classificar todos os fenômenos mediúnicos em três grandes categorias** que se poderiam designar da maneira seguinte:

1º **Personismo** – Fenômenos psíquicos inconscientes, produzindo-se **nos limites da esfera corpórea do médium, ou intermediúnicos**, cujo caráter distintivo é, principalmente, a **personificação**, isto é, a **apropriação (ou adoção) do nome e muitas vezes do caráter de uma personalidade estranha à do médium**. Tais são os fenômenos elementares do mediunismo: **a mesa falante, a escrita e a palavra inconsciente**. **Temos aqui a primeira e mais simples manifestação do desdobramento da consciência**, esse fenômeno fundamental do mediunismo. Os fatos dessa categoria nos revelam o grande fenômeno da dualidade do ser psíquico, da não identidade do “eu” individual, interior, inconsciente, com o “eu” pessoal, exterior e consciente; eles nos provam que a totalidade do ser psíquico, seu centro de gravidade, não está no “eu” pessoal; que esse último não é mais do que a manifestação fenomênica do “eu” individual (numenal); que, por conseguinte, os elementos dessa fenomenalidade (necessariamente pessoais) podem ter um caráter múltiplo – normal, anormal ou fictício –, segundo as condições do organismo (sono natural,

sonambulismo, mediunismo). [...].

Por sua etimologia, a palavra *pessoa* seria inteiramente apta para justificar o sentido que convém dar à palavra *personismo*. No latim *persona* se referia antigamente à *máscara* que os atores colocavam no rosto para representar a comédia, e mais tarde se designou por esta palavra o próprio ator.

2º **Animismo** – Fenômenos psíquicos inconscientes se **produzidos fora dos limites da esfera corpórea do médium, ou extramediúnicos** (transmissão do pensamento, telepatia, telecinesia, movimentos de objetos sem contato, materialização). **Temos aqui a manifestação culminante do desdobramento psíquico; os elementos da personalidade transpõem os limites do corpo e manifestam-se, a distância**, por efeitos não somente psíquicos, porém ainda físicos e mesmo plásticos, e **indo até à plena exteriorização** ou objetivação, provando por esse meio que um elemento psíquico pode ser, não somente um simples fenômeno de consciência, mas ainda um centro de força substancial pensante e organizadora, podendo também, por conseguinte, organizar temporariamente um simulacro de órgão, visível ou invisível, e produzindo efeitos físicos.

A palavra *alma* (*anima*), com o sentido que tem geralmente no Espiritismo e no Espiritualismo, justifica plenamente o emprego da palavra *animismo*. **Segundo a noção espiritual, a alma não é o “eu” individual (que pertence ao Espírito), porém o envoltório, o corpo fluidico**

ou espiritual desse “eu”. Por conseguinte, nós teríamos, **nos fenômenos anímicos, manifestações da alma, como entidade substancial**, o que explicaria o fato de essas manifestações poderem revestir também um caráter físico ou plástico, **segundo o grau de desagregação do corpo fluídico ou do “perispírito”**, ou ainda do “metaorganismo”, segundo a expressão de Hellenbach. E, como a personalidade é o resultado direto do nosso organismo terrestre, segue-se daí naturalmente que **os elementos anímicos (pertencentes ao organismo espiritual) são também os portadores da personalidade.**

3º **Espiritismo** – Fenômenos de *personismo* e de *animismo* na aparência, porém que **reconhecem uma causa extramediuônica, supraterrrestre**, isto é, fora da esfera da nossa existência. **Temos aqui a manifestação terrestre do “eu” individual** por meio daqueles **elementos da personalidade que tiveram a força de manter-se em roda do centro individual, depois de sua separação do corpo**, e que se podem manifestar pela mediunidade ou pela associação com os elementos psíquicos homogêneos de um ser vivo. Isso faz que os fenômenos do Espiritismo, quanto ao seu modo de manifestação, sejam semelhantes aos do *personismo* e do *animismo*, e não se distingam deles a não ser pelo conteúdo intelectual que **traí uma personalidade independente.**

Uma vez admitidos os fatos dessa última categoria, claro é que a hipótese que daí resulta pode igualmente ser aplicada aos fatos das duas

primeiras categorias; ela não é mais do que o desenvolvimento ulterior das hipóteses precedentes. **A única dificuldade que se apresenta é que, muitas vezes, as três hipóteses podem servir com o mesmo fundamento para a explicação de um só e mesmo fato. Assim, um simples fenômeno de *personismo* poderia também ser um caso de *animismo* ou de *Espiritismo*. O problema é, pois, decidir a qual dessas hipóteses é preciso atender, pois que se enganaria quem pensasse que uma só é bastante para dominar todos os fatos. [...].**

Assim, pois, ***o grande erro dos partidários do Espiritismo é ter querido atribuir todos os fenômenos, geralmente conhecidos sob esse nome, aos “espíritos”***. Este nome, por si só, basta para nos insinuar em um mau caminho. Ele deve ser substituído por um outro, por um termo genérico, não envolvendo hipótese alguma, doutrina alguma, como por exemplo a palavra *mediunismo*, denominação que desde muito tempo introduzimos na Rússia. ⁽⁶⁾ (itálico do original)

Representamos a classificação de Aksakof no seguinte quadro:

Classificação de Alexandre Aksakof	
Fenômenos Mediúnicos	Três grandes categorias:
	1ª. Personismo . Nos limites da esfera corpórea do médium: intracorpórea
	2ª. Animismo . Fora dos limites da esfera corpórea do médium: extracorpórea
	3ª. Espiritismo . Manifestação de Espíritos

No **Volume II**, cap. A hipótese dos Espíritos, tópico “1 - Animismo - Ação extracorpórea do homem vivo, como que formando a transição ao Espiritismo”, Aksakof trata somente dos dois tipos:

Os fatos expostos no capítulo precedente parecem autorizar-nos a admitir para a explicação de certos fenômenos mediúnicos a intervenção de um agente extramediúnico. Podem imaginar-se três hipóteses para definir a natureza desse agente; **deixamos de lado a terceira, que só tem valor no ponto de vista da possibilidade lógica**, mas que não poderia ter cabimento aqui. Por conseguinte, só tomaremos em consideração as duas primeiras.

[...].

Para maior brevidade, **proponho designar pela palavra *animismo* todos os fenômenos intelectuais e físicos que deixam supor uma**

atividade extracorpórea ou a distância do organismo e mais especialmente todos os fenômenos mediúnicos que podem ser explicados por uma ação que o homem vivo exerce, além dos limites do corpo. (7)

Quanto ao que diz respeito à **palavra *Espiritismo***, ela será aplicada somente aos fenômenos que, após exame, não podem ser explicados por nenhuma das teorias precedentes e oferecem bases sérias **para a admissão da hipótese de uma comunicação com os mortos**. Se as asserções contidas nessa hipótese acham sua justificação, então **o termo animismo será aplicado a uma categoria especial de fenômenos, produzidos pelo princípio anímico (considerado como ser independente, razoável e organizador) enquanto está ligado ao corpo; e neste caso a palavra *Espiritismo* compreenderá todos os fenômenos que podem ser considerados como manifestação desse mesmo princípio, porém desprendido do corpo**. Por *mediunismo* entenderemos todos os fenômenos compreendidos no animismo e no **espiritismo**, independentemente de uma ou de outra dessas hipóteses.

Nossa tese estabelece-se, pois, da maneira seguinte:

Há fundamento para recorrer à hipótese espírita com o fim de explicar os fenômenos mediúnicos?

Não poderão encontrar-se todos os elementos necessários para esta explicação na atividade inconsciente – intra e extracorpórea – do homem vivo?

Antes de responder a essa questão, cumpre-nos examinar com cuidado particular os efeitos da **ação extracorpórea do homem vivo**, pois que eles representam papel muito importante na questão que nos interessa. Este assunto é tão novo para as pessoas que não se ocuparam com questões espíritas, e foi tão desprezado pelos próprios espíritas, que eu julgo útil dar dele um resumo sucinto, **classificando os fatos que a ele se referem em muitos grupos**, e aí compreendendo mesmo fatos colhidos fora do domínio próprio do Espiritismo. É indispensável podermos orientar-nos sem dificuldade nessa ordem de fenômenos se quisermos adquirir uma ideia clara do assunto e chegar às conclusões que se impõem logicamente como resposta à pergunta que acabamos de estabelecer.

A divisão seguinte dos fenômenos do animismo, em quatro categorias, parece-me suficiente para o objetivo que me proponho. Estes quatro grupos são:

a) *ação extracorpórea do homem vivo, comportando efeitos psíquicos* (fenômenos da telepatia – impressões transmitidas a distância);

b) *ação extracorpórea do homem vivo, comportando efeitos físicos* (fenômenos telecinéticos – transmissão de movimento a distância);

c) *ação extracorpórea do homem vivo, sob forma de aparecimento de sua imagem* (fenômenos telefânicos – aparecimento de duplos);

d) *ação extracorpórea do homem vivo,*

manifestando-se sob forma de aparecimento de sua imagem com certos atributos de corporeidade (fenômenos teleplásticos – formação de corpos materializados). (8) (itálico do original)

Ao que nos parece, para efeitos práticos, Aksakof considerou como fenômenos mediúnicos apenas o animismo e o Espiritismo. O primeiro está ligado a uma ação extracorpórea da pessoa viva, ou seja, a alma enquanto “presa” ao corpo físico. O segundo refere-se à manifestação de Espíritos, quer dizer, a alma na condição de totalmente desligada da matéria que animava.

2º) (1897) **Gustave Geley, *Resumo da Doutrina Espírita***

O médico Gustave Geley (1865-1924) não era espírita e foi o primeiro diretor do Instituto Metapsíquico Internacional, de Paris, e da *Revue Metapsychique*. Da 1ª parte, cap. Os fatos, no tópico “A teoria anímica”, transcrevemos o seguinte trecho:

A teoria anímica está toda compreendida na doutrina espírita e não poderia separar-se dela.

O *Animismo* não é mais do que um ramo desta doutrina – e só por ela pode ser explicado.

O chamado Animismo admite o corpo astral e a sua ação a distância; a exteriorização da sensibilidade, da faculdade motriz e da inteligência; a subconsciência; as personalidades múltiplas; a leitura do pensamento; as sugestões mentais e, por último, a clarividência. *Mas, por si só, não pode explicar nenhum desses fatos.*

Ora, a simples verificação de tais faculdades do nosso *eu* pensante *implica a superioridade evidente do princípio psíquico sobre o princípio material;* a independência possível da alma fora do corpo e a probabilidade da sobrevivência.

Donde se deduz que, em nome do Animismo, é absurdo negar a possibilidade do Espiritismo. E mais ainda: visto que o *Espiritismo explica todos os fenômenos* e o Animismo não explica nada, é absurdo apoiarmo-nos exclusivamente neste.

Entre **duas hipóteses igualmente possíveis e para nos conformarmos com o espírito científico,** devemos escolher a que abarca a outra e explica maior número de fatos. Portanto, se sairmos dos pontos gerais da questão e quisermos tratar dos pormenores, encontraremos muitíssimos que apoiam a doutrina espírita.

Assim, por exemplo, as comunicações mediúnicas fornecem às vezes provas irrefutáveis de autenticidade convincente e **ensinamentos inesperados que não podem vir do médium, que, durante a sessão, se encontra na posse da sua consciência normal e não de suas faculdades de sonambulismo.**

Estes fatos e outros análogos abundam na

obra de Aksakof, Animismo e Espiritismo, para onde remetemos o leitor desejoso de aprofundar verdadeiramente essas questões delicadas.

A conclusão lógica do Animismo não é, pois, a negação do Espiritismo, *mas sim o reconhecimento das enormes dificuldades que se apresentam para distinguir um fenômeno de origem anímica de outro de origem espírita.*

Não vale a pena ir mais longe. As dúvidas acerca da presença real de tal ou qual espírito, em tal ou qual caso, não desvalorizam a doutrina, visto que, se ela não tem ainda provas absolutas, pode dizer-se, entretanto, que possui um *maximum* de probabilidades a seu favor. ⁽⁹⁾ (itálico do original)

Acreditamos que fica bem claro a ideia de que o animismo era visto como a manifestação da alma do próprio médium, após se emancipar do corpo físico. Usando o linguajar de Allan Kardec, diríamos trata-se de manifestação do Espírito de uma pessoa viva.

3º) (1897) **Gabriel Delanne, *A Alma é Imortal***

Na 2ª parte – A Experiência, no cap. I – Estudos experimentais sobre o desprendimento da alma humana, Gabriel Delanne (1857-1926) esclarece-nos:

Os numerosos exemplos registrados, **do desdobramento da alma**, mostraram que havia de ser possível a reprodução experimental de tais fenômenos. Grande número de pesquisas feitas nesse sentido e coroadas de êxito confirmaram essa possibilidade. **Deu-se a denominação de animismo à ação extracorpórea da alma**; mas, semelhante distinção é puramente nominal, pois que tais manifestações são sempre idênticas, quer durante a vida, quer após a morte. ⁽¹⁰⁾ (itálico do original)

Resumindo o que Delanne disse: “o animismo é a ação extracorpórea da alma em desdobramento”, tal e qual o pensamento de Aksakof.

4º) (1901) **Léon Denis, No Invisível**

Léon Denis (1846-1927), o destacado continuador de Allan Kardec, na 2ª parte - O Espiritismo experimental: Os fatos, no tópico XII - Exteriorização do ser humano. Telepatia, desse livro, explica:

Os fenômenos devidos à exteriorização ou ação extracorpórea da alma humana foram estudados com atenção e **classificados por Aksakof sob a denominação geral de animismo**. Esse erudito observador quis estabelecer uma distinção formal entre esses fatos e as

manifestações dos denominados mortos. Tal distinção, realmente, não existe; esses fatos, como veremos adiante, são sempre idênticos quer antes, quer depois da morte. **A alma do homem pode**, exatamente como a alma desencarnada, atuar sobre médiuns, **ditar comunicações, avisos, tanto por escrito como por meio de mesinhas, provocar deslocamentos de objetos materiais, aparecer a grande distância de seu próprio corpo e impressionar chapas fotográficas.**

Allan Kardec consagrou um capítulo inteiro de “O Livro dos Médiuns” ⁽¹¹⁾ aos estudos das aparições de vivos.

Esses fenômenos, pois, não eram ignorados pelos espíritas, como se tem pretendido, e Aksakof, em “Animismo e Espiritismo”, apenas confirmou o que muito antes dele já havia sido reconhecido. ⁽¹²⁾ (itálico do original)

Denis segue a mesma linha de raciocínio dos outros autores, e mais explicitamente se refere ao estudo das aparições de vivos empreendido por Allan Kardec.

5ª) (1924) **Ernesto Bozzano**, ***Comunicações mediúnicas entre vivos***

Ernesto Bozzano (1862-1943), na Introdução dessa obra, explica:

Quando a vontade de um vivo é que se apresenta, só o pode fazer através dos mesmos processos espirituais exercidos por um morto: **faculdades subconsciente e supranormais para um vivo, conscientes e normais para um morto.** Resulta daí que as **duas classes de manifestações** são idênticas por natureza, com a distinção puramente formal de que, **quando se verificam por obra de um vivo, tomam o nome de *fenômenos anímicos* e, quando por obra de um morto, denominam-se *fenômenos espíritas.*** É claro, pois, que as duas classes de manifestações são uma o complemento necessário da outra, e isto de tal sorte, que o Espiritismo ficaria sem base se não existisse o Animismo.

As manifestações anímicas de ordem inteligente raramente se verificam sob forma *mediúcnica*, pois, via de regra, exercitam-se em forma direta e, segundo os casos, tomam o nome de *manifestações telepáticas, de fenômenos de bilocação, de clarividência no passado, no presente e no futuro.* De qualquer modo não me ocuparei de tais modalidades de manifestações anímicas, limitando-me a analisar, comparar e classificar os casos de comunicações entre vivos, por via mediúcnica. ⁽¹³⁾ (itálico do original)

Em 1938, Bozzano publica o livro ***Animismo ou Espiritismo?***, na sua versão original, ao título é ainda acrescentada a pergunta “Qual dos dois explica o conjunto dos fatos?”.

Do “Prefácio”, que é assinado pelo autor, destacamos:

[...] à questão que me foi proposta: “**Animismo ou Espiritismo**, qual dos dois explica o conjunto dos fatos?” fácil se me tornou responder, nos termos seguintes:

Nem um, nem outro logra, separadamente, explicar o conjunto dos fenômenos supranormais. Ambos são indispensáveis a tal fim e não podem separar-se, pois que são efeitos de uma causa única e esta causa é o espírito humano que, quando se manifesta, em momentos fugazes, durante a encarnação, determina os fenômenos anímicos e, quando se manifesta mediunicamente, durante a existência “desencarnada”, determina os fenômenos espíritos.

Esta e unicamente esta é a solução legítima do grande problema, dado que ela se apresenta como resultante matemática da convergência de todas as provas que advêm da coletânea metapsíquica, considerada em seu conjunto. ⁽¹⁴⁾ (itálico do original)

Resumindo, o espírito humano se manifesta em duas situações: 1ª) durante a encarnação, ocorre os fenômenos anímicos; 2ª) como desencarnado, determina os fenômenos espíritos.

Do cap. III – As comunicações mediúnicas entre vivos provam a realidade das comunicações mediúnicas com os defuntos, dessa obra de Bozzano, transcrevemos o seguinte trecho:

Não esqueçamos que a denominação de fenômenos mediúnicos propriamente ditos designa um conjunto de manifestações supranormais, de ordem física e psíquica, que se produzem por meio de um sensitivo a quem é dado o nome de médium, por se revelar qual instrumento a serviço de uma vontade que não é a sua. Ora, essa vontade tanto pode ser a de um defunto, como a de um vivo. **Quando a de um vivo atua desse modo, a distância**, somente o pode fazer em virtude das mesmas faculdades espirituais que um defunto põe em jogo. **Segue-se que as duas classes de manifestações** resultam de naturezas idênticas, com a diferença, puramente formal, de que, **quando elas se dão por obra de um vivo, entram na órbita dos fenômenos anímicos propriamente ditos, e quando se verificam por obra de um defunto, entram na categoria, verdadeira e própria, dos fenômenos espíritas.** Evidencia-se, portanto, que as duas classes de manifestações são complementares uma da outra, a tal ponto que o Espiritismo careceria de base, dado não existisse o Animismo.

É de suprema importância este tema, que já explanei a fundo numa monografia em que foram colecionados e comentados numerosos e variados casos do gênero. **A grande importância do tema**

consiste em que os casos de comunicações mediúnicas entre vivos, com o se realizarem por processos idênticos àqueles pelos quais se operam as comunicações mediúnicas com defuntos, oferece a possibilidade de apreender-se melhor a gênese destas últimas, por projetarem luz nova sobre as causas dos erros, das interferências, das mistificações subconscientes que nelas ocorrem; mas, sobretudo, **por contribuírem a provar, com rara eficácia, a realidade das comunicações mediúnicas com defuntos, uma vez se considere que nas comunicações mediúnicas entre vivos é possível verificar-se a realidade integral do fenômeno,** interrogando-se as pessoas colocadas “nas duas extremidades do fio”. Daí a sugestiva inferência de que, quando “no outro extremo do fio” se encontra uma entidade mediúnica que afirme ser um espírito de defunto e o prove ministrando informações pessoais que todos os presentes ignoram, racionalmente se deveria concluir que “na outra ponta do fio” há de estar a entidade do defunto que se declara presente, do mesmo modo que nas comunicações entre vivos se verifica positivamente que “na outra extremidade do fio” se acha o vivo que se manifesta mediunicamente. ⁽¹⁵⁾

As manifestações de Espíritos de pessoas vivas produzem um conjunto de detalhes que também se aplicam àquelas produzidas pelos mortos - eis a razão delas não poderem ser separadas para explicar os fenômenos espíritas.

Antes de vermos os autores da atualidade, julgamos ser conveniente primeiro pesquisar sobre o tema nas obras da codificação espírita publicadas por Allan Kardec.

Nas obras da Codificação Espírita

Nos dois primeiros tópicos citaremos as duas situações distintas que se apresentam, por julgarmos ser absolutamente necessário para a compreensão do assunto pesquisado. No último, falaremos da confusão que se faz quanto ao tema.

1º) Da manifestação do Espírito do médium

Na Codificação, o que temos relacionado ao tema são as orientações sobre os estados de emancipação da alma, dentre eles é que ocorrem as manifestações de Espírito de pessoa viva.

Em ***O Livro dos Médiuns***, 2ª parte, cap. XIX – O papel dos médiuns nas comunicações espíritas, do item 223, temos a destacar o seguinte:

2. As comunicações escritas ou verbais também podem emanar do próprio Espírito encarnado no médium?

“A alma do médium pode comunicar-se como a de qualquer outro. **Se goza de certo grau de liberdade**, recobra suas qualidades de Espírito.

Tendes **a prova disso nas visitas que vos fazem as almas de pessoas vivas**, as quais muitas vezes se comunicam convosco pela escrita, sem que as chameis. Porque, ficai sabendo, entre os Espíritos que evocais, alguns há que estão encarnados na Terra. *Eles, então, vos falam como Espíritos, e não como homens.* Por que não se havia de dar o mesmo com o médium?”

3. *Como distinguir se o Espírito que responde é o do médium ou outro?*

“Pela natureza das comunicações. Estudai as circunstâncias e a linguagem e distinguireis. **É principalmente no estado de sonambulismo ou de êxtase que o Espírito do médium se manifesta, porque então se encontra mais livre.** No estado normal é mais difícil. Aliás, há respostas que se lhe não podem atribuir de modo algum. Por isso é que te digo: estuda e observa.”

4. *Desde que o Espírito do médium pode ter adquirido, em existências anteriores, conhecimentos que esqueceu sob o invólucro corpóreo, mas de que se lembra **como Espírito, não poderá ele tirar das profundezas de si mesmo as ideias que parecem ultrapassar o alcance da sua instrução?***

“Isso acontece frequentemente, no estado de **crise sonambúlica ou extática**, porém, ainda uma vez repito, há circunstâncias que não permitem dúvida. Estudai *longamente* e meditai.”

5. *As comunicações que provêm do Espírito do médium são sempre inferiores às que possam*

ser dadas por outros Espíritos?

“Sempre, não, pois um Espírito comunicante pode ser de ordem inferior à do médium e, então, falar com menos sensatez. É o que se vê no sonambulismo. Aí, na maioria das vezes, **quem se manifesta é o Espírito do sonâmbulo**, o qual, não raro, diz coisas muito boas.”

7. O Espírito encarnado no médium exerce alguma influência sobre as comunicações de outros Espíritos que deva transmitir?

“**Sim**, porque, se não houver afinidade entre eles, **o Espírito do médium pode alterar as respostas e assimilá-las às suas próprias ideias e inclinações**. Porém, não exerce influência sobre os Espíritos comunicantes, autores das respostas. É apenas um mau intérprete.”

8. Será essa a causa da preferência dos Espíritos por certos médiuns?

“Não há outro motivo. **Procuram o intérprete que mais simpatize com eles e que exprima com mais exatidão os seus pensamentos**. Não havendo simpatia entre eles, o Espírito do médium é um antagonista que oferece certa resistência, tornando-se um intérprete de má qualidade e muitas vezes infiel. É o que acontece entre vós, quando a opinião de um sábio é transmitida por um homem estouvado ou alguém de má-fé.”

9. Compreende-se que seja assim quando se trata dos médiuns intuitivos; não, porém, quando se trata dos médiuns mecânicos.

“É que não percebestes exatamente o papel que o médium desempenha. Existe aí uma lei que ainda vos escapa. Lembrai-vos de que, para produzir o movimento de um corpo inerte, o Espírito precisa utilizar-se de uma parcela de fluido animalizado, que toma ao médium, para animar momentaneamente a mesa, a fim de que esta lhe obedeça à vontade. Pois bem: compreendei igualmente que, para uma comunicação inteligente, ele precisa de um intermediário inteligente, e esse intermediário é o Espírito do médium.”

9-a. Isto não parece aplicar-se às mesas falantes, pois quando objetos inertes, como mesas, pranchetas e cestas dão respostas inteligentes, presume-se que o Espírito do médium não tenha nenhuma participação no fato.

“É um erro. O Espírito pode dar ao corpo inerte uma vida artificial momentânea, mas não lhe pode dar inteligência. Jamais um corpo inerte foi inteligente. É, pois, o Espírito do médium que, mesmo sem o saber, recebe e transmite o pensamento, sucessivamente, com o auxílio de diversos intermediários.”

10. Parece resultar dessas explicações que o Espírito do médium nunca é completamente passivo?

“É passivo quando não mistura suas próprias ideias com as do Espírito que se comunica, mas nunca é inteiramente nulo. Seu concurso é sempre necessário, como o de um intermediário, mesmo quando se trata dos chamados médiuns mecânicos.” ⁽¹⁶⁾ (itálico do

original)

17. A aptidão de certos médiuns para escrever numa língua que lhes é estranha não provém da circunstância de essa língua lhes ter sido familiar em outra existência e de haverem guardado a intuição dela?

“Certamente isso pode acontecer, **mas não constitui regra**. Com algum esforço, o Espírito pode vencer momentaneamente a resistência material que encontra. É o que acontece quando o médium escreve, na sua própria língua, palavras que não conhece.” (17) (itálico do original)

20. Como se explica a aptidão de certos médiuns para escrever em verso, apesar de ignorantes em matéria de poesia?

“A poesia é uma linguagem. Eles podem escrever em verso, como podem escrever numa língua que desconheçam. Depois, **é possível que tenham sido poetas em outra existência** e, como já vos dissemos, os conhecimentos adquiridos jamais são perdidos pelo Espírito, que tem de chegar à perfeição em todas as coisas. Nesse caso, o que eles aprenderam no passado lhes dá uma facilidade de que não dispõem no estado habitual, mesmo que não se deem conta desse fato.”

21. Do mesmo modo, é assim que se explica a aptidão especial para o desenho e a música?

“Sim. O desenho e a música também são formas de expressão do pensamento. Os Espíritos

se servem dos instrumentos que lhes oferecem mais facilidade.”

22. A expressão do pensamento pela poesia, pelo desenho ou pela música depende unicamente da aptidão especial do médium, ou também da aptidão do Espírito que se comunica?

“Algumas vezes, do médium; outras vezes, do Espírito. Os Espíritos superiores possuem todas as aptidões. Os Espíritos inferiores só dispõem de conhecimentos limitados.” ⁽¹⁸⁾ (itálico do original)

2º) Do uso dos recursos mnemônicos do médium

Em ***O Livro dos Médiuns***, 2ª parte, cap. XIX – O papel dos médiuns nas comunicações espíritas, no item 225, lemos o seguinte trecho da explicação de Erasto e Timóteo:

“Assim, quando encontramos em um médium o cérebro repleto de conhecimentos adquiridos na sua vida atual e o seu Espírito rico de conhecimentos latentes, obtidos em vidas anteriores, suscetíveis de nos facilitarem as comunicações, preferimos nos servir dele, porque com ele o fenômeno da comunicação se torna muito mais fácil para nós do que com um médium de inteligência limitada e de escassos conhecimentos, adquiridos anteriormente. Vamos

nos fazer compreender por meio de algumas explicações claras e precisas.

“Com um médium, cuja inteligência atual ou anterior se ache desenvolvida, o nosso pensamento se comunica, instantaneamente, de Espírito a Espírito, graças a uma faculdade peculiar à essência mesma do Espírito. Nesse caso, **encontramos, no cérebro do médium, os elementos apropriados a dar ao nosso pensamento a vestimenta da palavra que lhe corresponda** e, isto, quer o médium seja intuitivo, semimecânico ou inteiramente mecânico. É por isso que, seja qual for a diversidade dos Espíritos que se comunicam com um médium, os ditados que este obtém, ainda que procedendo de Espíritos diferentes, trazem, quanto à forma e ao colorido, o cunho que lhe é pessoal. Com efeito, apesar de o pensamento não lhe ser de todo estranho, não obstante o assunto esteja fora do âmbito em que ele habitualmente se move, e embora não provenha dele o assunto que nós queremos dizer, nem por isso o médium deixa de exercer influência quanto à forma, pelas qualidades e propriedades inerentes à sua individualidade. É exatamente como se observásseis panoramas diversos, com lentes matizadas, verdes, brancas ou azuis; embora os panoramas, ou objetos observados, sejam inteiramente opostos e independentes uns dos outros, não deixam por isso de afetar uma tonalidade que provém das cores das lentes.

[...].

“Quando queremos transmitir ditados

espontâneos, **atuamos sobre o cérebro, sobre os arquivos do médium e preparamos os nossos materiais com os elementos que ele nos fornece e isto à sua revelia.** É como se tomássemos de sua bolsa as somas que ele aí possa ter e dispuséssemos as moedas que a compõem na ordem que nos parecesse mais conveniente. ⁽¹⁹⁾

Imediatamente após essa explicação de Erasto e Timóteo, o Codificador fez o seguinte comentário:

Esta análise do papel dos médiuns e dos processos pelos quais os Espíritos se comunicam é tão clara quanto lógica. **Dela resulta o princípio de que o Espírito haure, não as ideias do médium, mas sim os materiais necessários para exprimi-las, que ele encontra no cérebro do médium.** Quanto mais rico em materiais for esse cérebro, tanto mais fácil será a comunicação. Quando o Espírito se exprime num idioma familiar ao médium, encontra neste, inteiramente formadas, as palavras necessárias ao revestimento da ideia; se o faz numa língua estranha ao médium, não encontra neste as palavras, mas apenas as letras. É por isso que o Espírito se vê obrigado a ditar, por assim dizer, letra a letra, exatamente como se exigíssemos que escrevesse em alemão uma pessoa que não conheça uma única palavra dessa língua. Se o médium não souber ler nem escrever, não dispõe nem mesmo das letras em seu cérebro. **Torna-se necessário, então, que o Espírito lhe**

conduza a mão, como se faz a uma criança que começa a aprender, sendo ainda maior, nesse caso, a dificuldade que o Espírito encontra para vencer. Estes fenômenos, portanto, são possíveis e deles há numerosos exemplos. Compreende-se, no entanto, que semelhante maneira de proceder se mostra pouco apropriada para comunicações extensas e rápidas, e que os Espíritos devem preferir os instrumentos de manejo mais fácil, ou, como eles dizem, os médiuns bem aparelhados do ponto de vista deles. ⁽²⁰⁾

O que ressalta é que Allan Kardec não se preocupou em detalhar mais o tema. Talvez, diante do que elegeu como prioritário, não teve tempo de fazer. Aliás, o termo animismo nem mesmo aparece na Codificação. Entretanto, deixou bem claro que os Espíritos haurem do cérebro dos médiuns os elementos necessários para se exprimir. Ora, pelo que estamos vendo aqui, isso nada tem a ver com animismo, mas, infelizmente, é classificado como tal.

É presumível que o Espírito manifestante se utilize dos recursos incorporados ao patrimônio do médium que lhe serve de medianeiro. Encontramos as seguintes obras que falam sobre isso:

1ª) **Revista Espírita 1859**, mês de dezembro:

3º A explicação dada, por um Espírito, sobre o papel dos médiuns, ao senhor P..., antigo reitor da Academia, e ele mesmo médium. Os Espíritos, para comunicarem-se entre si, não têm necessidade da palavra: o pensamento basta-lhes. **Quando querem se comunicar com os homens, devem traduzir seu pensamento pelos sinais humanos, quer dizer, por palavras; eles tomam estas palavras no vocabulário do médium**, do qual se servem, de algum modo, como de um dicionário; por isso é mais fácil ao Espírito se exprimir na língua familiar do médium, embora possa igualmente fazê-lo em uma outra língua que este não conheça; mas então é um trabalho mais difícil, e que evita quando não há necessidade. O senhor P... encontrou nesta teoria a explicação de vários fatos que lhe são pessoais, e relativos a comunicações que lhe fizeram diversos Espíritos em latim e em grego. ⁽²¹⁾

2ª) **O Livro dos Médiuns** (1861), 2ª parte, cap. XVI – Médiuns especiais, item 193, da lavra de Erasto:

[...] Quanto aos [médiuns] que têm uma aptidão para comunicações científicas históricas, médicas e outras, fora do alcance de suas especialidades atuais, podeis estar certos de que **possuíam esses conhecimentos em existência anterior e os conservaram em estado latente, fazendo parte dos elementos cerebrais necessários à manifestação do Espírito**. Esses elementos

abrem caminho ao Espírito para a transmissão de ideias que lhe são próprias, de sorte que em tais médiuns ele encontra instrumentos mais inteligentes e mais maleáveis do que num médium ignorante. ⁽²²⁾

Mais à frente, na 2ª parte, cap. XXII – Mediunidade dos animais, Erasto novamente explica:

“Sabeis que **tiramos do cérebro do médium os elementos necessários para dar ao nosso pensamento uma forma que vos seja sensível e apreensível**. É com o auxílio dos materiais que possui que o médium traduz o nosso pensamento em linguagem comum. Pois bem! Que elementos encontraríamos no cérebro de um animal? Haveria ali palavras, números, letras, sinais quaisquer, semelhantes aos que existem no homem, mesmo na criatura menos inteligente? [...]” ⁽²³⁾

3ª) Na **Revista Espírita 1865**, mês de fevereiro, temos uma mensagem de Erasto, datada de 06 de janeiro, da qual destacamos o seguinte trecho:

Há médiuns que, **por suas aquisições anteriores, por seus estudos particulares na existência que percorrem hoje**, se colocaram em posição de estarem mais aptos, senão mais úteis

do que outros. Aqui a questão moral nada tem a fazer: é simplesmente uma questão de capacidade intelectual. Mas não é preciso desconhecer que a maior parte desses médiuns não se prodigalizam e se recebem da parte dos Espíritos comunicações de uma ordem elevada, estas aproveitam só a eles. [...]. Nessas ocasiões, infelizmente muito raras em Espiritismo, as almas daqueles que queriam se comunicar **estavam sob a mão de bons, de excelentes instrumentos, ou antes, de médiuns cujas capacidades cerebrais forneciam todos os elementos de palavras e de pensamentos necessários à manifestação dos Espíritos inspiradores.** Ora, na maioria das circunstâncias em que os Espíritos se comunicam, **os grandes Espíritos**, bem entendido, **estão longe de ter sob a mão os elementos suficientes para a emissão de seus pensamentos na forma, com a fórmula que teriam dado quando vivos.** [...]. ⁽²⁴⁾

Entendemos que o uso dos recursos do médium faz parte do processo mediúnic, e não teria nada a ver com animismo, pelo menos aquele definido por Aksakof. Mas sabemos não ser essa ótica algo generalizado.

3ª) A confusão que se estabelece

A confusão que falamos está toda nesse ponto, ou seja, que faz dos elementos mnemônicos como

sendo uma manifestação anímica, seria, portanto, a junção dos itens anteriores. O conceito de animismo está relacionado à manifestação da alma do médium desprendido do corpo físico, agindo como Espírito livre. Vejamos, por exemplo, o que dizem estes três autores:

1º) **Hermínio C. Miranda** (1920-2013), que, reconhecidamente, foi um estudioso de primeira linha e de invejável conhecimento doutrinário, em ***Diversidade dos Carismas***, expressa essa opinião comum:

[...] Muitos são os dirigentes que condenam sumariamente o médium, pregando-lhe o rótulo de fraude, ante a mais leve suspeita de estar produzindo fenômeno anímico. Creio oportuno enfatizar aqui que **em verdade não há fenômeno espírita puro**, de vez que a manifestação de seres desencarnados, em nosso contexto terreno, precisa do médium encarnado, ou seja, **precisa do veículo das faculdades da alma (espírito encarnado) e, portanto, anímicas.** ⁽²⁵⁾ (itálico do original)

Pelo aqui exposto, vemos que para o autor todo fenômeno espírita tem algum componente da

alma do médium. Em razão disso, ele classifica como sendo animismo: justamente a percepção que vemos ser lugar-comum no movimento espírita brasileiro.

2ª) O escritor **Orson Peter Carrara**, em **Médiuns**, no cap. VI – Potencialidades anímicas e mediúnicas, esclarece:

A expressão *medianímico* advém do perfil, **por definição, dos fenômenos espíritas que são classificados em anímicos e mediúnicos**; os primeiros são resultantes do próprio espírito encarnado e os mediúnicos são produzidos pelos desencarnados por intermédio dos Médiuns. **Como é impossível traçar um limite entre eles**, a expressão é utilizada para classificar fenômenos de dupla classificação. Cite-se como exemplo um Médium vidente que conversa com o Espírito atuante no fenômeno: utiliza-se da vidência, que é o fenômeno mediúnico, no caso, e dialoga com o Espírito na possibilidade anímica.

O fenômeno anímico é, pois, a potencialidade da própria alma encarnada, com sua bagagem de conhecimentos, habilidades e experiências, podendo provocar fenômenos como se desencarnado fosse; o fenômeno mediúnico, por sua vez, é de iniciativa dos Espíritos por intermédio de Médiuns, repitamos. ⁽²⁶⁾ (itálico do original)

Não entendemos o fenômeno anímico como sendo “a potencialidade da própria alma encarnada, com sua bagagem de conhecimentos, habilidades e experiências”, quando isso resultar em concluir que a utilização pelo manifestante “dos conhecimentos, habilidades e experiências” forem classificadas como animismo, porquanto julgamos que apenas fazem parte do processo mediúnico.

3º) O autor **Waldehir Bezerra de Almeida**, em ***A Complexidade da Prática Mediúnica***, no cap. 5 – Animismo, explica:

O termo *animismo* é composto com a palavra *anima* (latim) que significa alma e mais o sufixo ismo (empregado para dizer que se trata de um princípio artístico, filosófico, científico, religioso etc.). **No Espiritismo, *animismo* deve significar a cooperação que cabe ao médium oferecer para realização dos fenômenos de efeitos físicos ou intelectuais.** É esse o entendimento que tem o Espírito André Luiz, quando ensina que animismo é o “[...] conjunto de fenômenos psíquicos produzidos com a cooperação consciente ou inconsciente dos médiuns em ação”. ⁽²⁷⁾ ⁽²⁸⁾ (itálico do original)

Nesses dois autores temos o exemplo do

problema da interpretação do fenômeno, fato que vem ocorrendo há algum tempo no meio espírita. Em relação ao Espírito André Luiz, mais à frente veremos a obra citada pelo autor.

Em Obras Póstumas

Esse livro foi publicado em 1890, ou seja, 21 anos após o desencarne do Codificador - essa é a razão de o estarmos citando em separado.

Sobre sua autenticidade, cumpre-nos apresentar a opinião de José Herculano Pires (1914-1979), cuja tradução é a que usaremos. Então, em “Notícia sobre o livro”, de **Obras Póstumas**, o nobre jornalista disse:

A importância deste volume é inegável e nenhuma objeção se pode fazer à legitimidade dos trabalhos que o constituem. A publicação anterior na *Revista*, com antecedência de cerca de vinte anos, neutralizou as críticas que geralmente ocorrem nesses casos. Apesar disso, **há ainda pessoas que levantam suspeitas infundadas quanto à validade deste livro, o que por sinal em nada o afeta**, principalmente para os que se dão ao trabalho de lê-lo e analisá-lo. Só lamentamos que não se tenham publicado mais alguns volumes póstumos de trabalhos do mestre, que forçosamente os deixou em maior número, tal era a sua capacidade de trabalho e o seu desejo de abordar todos os problemas relativos ao

Espiritismo. A publicação tardia de *Obras Póstumas* revela, infelizmente, que houve descuido nesse sentido por parte dos seus sucessores. Não se trata de uma acusação, mas apenas de um registro necessário. ⁽²⁹⁾

Apesar dessa opinião de alguém que tem autoridade doutrinária, caberá a você, caro leitor, a decisão de aceitar ou não o que citaremos como de autoria de Allan Kardec a respeito do tema.

Vejamos agora a fala do Mestre de Lyon:

Quanto à pergunta: **Qual é, nos fenômenos espíritas ou sonambúlicos, o limite onde chega a ação própria da alma humana e onde começa a dos Espíritos?** Responderemos que **esse limite não existe, ou antes que não é absoluto.**

Desde que não são espécies distintas, sendo a alma um Espírito encarnado e o Espírito uma alma desprendida do corpo, desde que são o mesmo ser em meios diferentes, é claro que devem possuir as mesmas faculdades e aptidões.

O sonambulismo é um estado transitório entre a encarnação e a desencarnação, um desprendimento parcial, um grau antecipadamente alcançado no mundo espiritual.

A alma encarnada, ou se o quiserem, o Espírito do sonâmbulo ou do médium, pode fazer quase o mesmo que a alma desencarnada, e até mais que

esta, se mais adiantado for; com a diferença, contudo, que, por seu desprendimento completo, a alma, sendo mais livre, tem percepções especiais inerentes ao próprio estado. **A distinção entre o que é produto direto da alma do médium e o que provém de fonte estranha, é às vezes difficilima de fazer; porque geralmente as duas ações completam-se e confundem-se.** É assim que, na cura por imposição das mãos, o Espírito do médium pode agir só ou com o auxílio de um Espírito desencarnado e a inspiração poética ou artística pode ter a dupla origem.

Pelo fato de ser difícil uma distinção, não se deve concluir que seja impossível. **A dualidade é muitas vezes evidente** e em todos os casos resultará quase sempre de uma observação atenta.

(³⁰)

Usando a conceituação de Aksakof, temos aqui a referência ao animismo e ao Espiritismo. O Codificador aceita os dois e chega a dizer que, em algumas situações, os dois podem ocorrer ao mesmo tempo. Um dos exemplos que deu foi o sonambulismo. Esse fenômeno mediúnico é caracterizado pela emancipação do Espírito do médium de seu corpo físico, fato que todos os estudiosos do Espiritismo sabem.

Ao mencionar o que poderia ocorrer no caso da imposição de mãos, teríamos a possibilidade do personismo e do Espiritismo ocorrerem simultaneamente.

A inspiração poética ou artística, que seria classificada como personismo, com a possibilidade de ter a dupla origem.

Visão de autores da atualidade

Julgamos ser oportuno trazer alguns autores, objetivando saber a opinião deles sobre o tema, que estarão listados por ordem alfabética.

1º) **Carlos Friedrich Loeffler** ⁽³¹⁾, ***Fundamentação da Ciência Espírita***, cap. XII – O fenômeno psíquico, tópico “Animismo e Espiritismo”, destacamos:

[...] **A palavra animismo não aparece uma única vez na codificação; o codificador sempre tratou tais manifestações genericamente como sonambulismo, que, em realidade, é uma categoria específica dentro do rol dos fenômenos anímicos, que incluem o êxtase, a dupla vista etc. Na verdade, a importância e popularidade dessa classificação reside no fato dela distinguir os fenômenos originados dos desencarnados, bem-aceitos pela comunidade espírita (especialmente a maior parte dos dirigentes de reuniões mediúnicas), daqueles que muito próximos estão das terríveis mistificações: os fenômenos anímicos, particularmente a criptomnésia (lembança de vidas passadas) e o sonambulismo leves. que nos centros espíritas deseja-se intercambiar com desencarnados, seja**

para socorrê-los ou para tomar lições dos espíritos mais evoluídos, e não para resgatar personalidades subconscientes do sensitivo e suas respectivas aventuras, embora esse material tenha valor científico em várias modalidades de pesquisa.

É preciso muito cuidado com essa classificação, pois ela depende do referencial, conforme já foi exposto há pouco. Por exemplo: considere-se uma experiência telepática entre encarnados. O emissor da mensagem realiza um fenômeno anímico, pois é da sua vontade transmitir uma ideia. O outro sujeito da experiência, o receptor, é médium, pois capta e reproduz um pensamento que não é seu. Daí se depreende que esta denominação rigorosamente não classifica o fenômeno em si, e sim o papel dos participantes no mesmo.

Historicamente, mais importante é a divisão fenomênica que trata da proveniência do fenômeno psíquico, com base na questão de ser ele provocado por desencarnados ou não. Há cerca de cem anos atrás, a hipótese (infelizmente ressuscitada nos tempos atuais) de todos os fenômenos psíquicos serem produzidos inconscientemente por encarnados ganhou muitos adeptos entre os materialistas, pois dispensava ou negava a sobrevivência após a morte física. **Bozzano e Aksakof** provaram que a possibilidade de ocorrência de fenômenos anímicos ratificava a casuística espiritual, ao invés de contrariá-la. Segundo esses estudiosos, **metodologicamente é válido dividir fenômenos psíquicos em: anímicos (de alma – princípio inteligente encarnado) e espirituais (de espírito princípio inteligente desencarnado)**. Assim, quando um

desencarnado promove uma comunicação psicofônica, ocorre um fenômeno espiritual. Ressalte-se o uso da palavra espiritual no lugar de espírita, pois essa última denominação deve ser empregada apenas aos assuntos derivados da doutrina. Um fenômeno psíquico, seja qual for, não pertence a nenhum quadro específico, pois é universal.

É possível ocorrer um fenômeno mediúnico-anímico, no qual um encarnado comunica-se através de um médium por exemplo, o caso da telepatia citado anteriormente, envolvendo o receptor. Bozzano escreveu um livro exclusivamente sobre esse interessante tema. ⁽³²⁾

2º) **Equipe Projeto Manoel P. de Miranda** (João Neves, Geraldo Azevedo, Nilo Calazans e José Ferraz), em **Vivência Mediúnica**, no cap. 11 - Do anímico ao mediúnico, lemos:

O termo animismo designa, aqui, as manifestações da própria alma do médium a desvelar no processo das comunicações conteúdos psíquicos arquivados no inconsciente.

Na prática mediúnica, **o animismo se revela sob dois modos distintos: a alma do médium se comunicando – a situação clássica – ou introduzindo suas ideias nas mensagens de que se faz instrumento.** ⁽³³⁾

Essa equipe de estudiosos bem colocou como o animismo é visto pela grande maioria dos espíritas. Se o médium introduzir suas ideias nas mensagens será apenas um mau intérprete, conforme disse Allan Kardec.

3º) **José Herculano Pires, *Conversa Sobre Mediunidade: Curas, Obsessões e Sonhos* / J. Herculano Pires**, obra organizada por Wilson Garcia, tópicos “Animismo 1” e “Animismo ou manifestação mediúnica?”, respectivamente:

Como distinguimos a comunicação verdadeira do animismo?

A pergunta é muito interessante porque nos coloca diante de um problema bastante estudado no espiritismo desde o tempo de Kardec. Aliás, esse problema foi mesmo colocado por Kardec.

O animismo é a comunicação do próprio espírito de médium, porque no espiritismo a alma é o espírito enquanto encarnado. Na função de encarnado, o espírito anima o corpo daí sua designação de alma. Quando o indivíduo morre, espírito se desprende do corpo e não é mais alma, é espírito.

Isso me lembra o seguinte: muita gente diz que espiritismo lida com almas do outro mundo. Mas no espiritismo não existem almas do outro mundo. Alma só existe na Terra encarnada, quando o

espírito está encarnado.

Portanto, **a comunicação anímica é uma manifestação do próprio médium**: suas ideias, a maneira como ele as expõe ao tratamento que dá às perguntas, sua linguagem, tudo isso caracteriza perfeitamente a comunicação anímica do médium.

Quando por acaso essa manifestação anímica provém uma manifestação do inconsciente, e, portanto, do inconsciente do médium representando a memória profunda que de ma consigo, muitas vezes pode caracterizar uma outra personalidade. É uma personalidade anterior do próprio médium. Como todos nós passamos por vidas sucessivas, as memórias antigas ancestrais, as memórias profundas de outras vidas, todas lá estão armazenadas em nosso inconsciente. Então é possível que, por um motivo ou outro, **o médium sinta um aflorar de sua memória profunda no sentido de uma determinada encarnação** em que ele manifesta uma personalidade diferente da do médium atual. Apesar disso, nessas comunicações há sempre uma conotação com a personalidade atual do médium. Porque embora a modificação da personalidade se faça no tempo e no espaço, há sempre uma continuidade que caracteriza aquela mesma personalidade. ⁽³⁴⁾

[...] Como sabemos, no espiritismo existem duas séries de fenômenos: os fenômenos anímicos e os fenômenos espíritas propriamente ditos. **Os fenômenos anímicos correspondem a manifestações da própria alma do médium.**

Quando o médium cai em transe, ele pode manifestar-se, ele mesmo, através de sua mediunidade. Isso pode parecer estranho para quem não conhece o problema, mas o problema está ligado a questões de psicologia, principalmente no campo da psicanálise. Sabemos que, quando queremos nos libertar de um trauma psíquico segundo a linha de orientação psicanalítica, passamos por um processo de catarse, quer dizer, através da indicação do especialista competente procuramos um meio de fazer com que de nosso inconsciente surjam os elementos de memória, de lembranças que lá estão enterrados e que estão agindo subterraneamente em nossa personalidade, prejudicando nosso comportamento.

No espiritismo, essa catarse – quer dizer, essa manifestação de alguma coisa que sai das profundezas de nossa memória – é mais profunda porque **no processo anímico é a própria alma do médium que volta ao passado, e justamente por isso toma a forma e a personalidade de uma criatura que viveu anteriormente**, de uma criatura que ele representou no palco da vida em uma existência anterior. [...].⁽³⁵⁾

Nessas explicações de Herculano Pires fica claro que o animismo se refere especificamente à manifestação do Espírito do próprio médium, que mergulha no passado gravado em seu inconsciente.

4º) **José Raul Teixeira, Diretrizes de**

Segurança, cap. X – Escolhos da Mediunidade,
tópico 1 – Distinção entre animismo e mistificação:

95 – *Qual a diferença entre animismo e mistificação?*

Raul – Encontramos em *O Livro dos Médiuns*, mais exatamente no capítulo 19º, item 223 (1ª a 5ª, Allan Kardec discutindo e apresentando uma questão muito importante e muito grave, que é a circunstância em que o espírito do próprio percipiente, do próprio médium, no estado de excitação de variada ordem, transmite a sua mensagem.

Nos processos de regressões, de múltiplas procedências, **a alma do encarnado se expressa, chora suas angústias, deplora suas mágoas guardadas na intimidade, ou apresenta suas virtudes e conquistas, suas grandezas, também guardadas no íntimo. Esse fenômeno em que o próprio espírito do médium se expressa, com qualquer tipo de bagagem, nós o chamaremos de “anímico”, conforme Allan Kardec, em O Livro dos Médiuns.** E aqueles outros fenômenos através dos quais entidades espirituais se manifestem por meio de médiuns, e dizem ser personalidades que verdadeiramente não foram na Terra, esses denominaremos de “mistificação”.

Allan Kardec teve a oportunidade de estudar em *O Livro dos Médiuns*, na parte em que apresenta as dissertações mediúnicas (capítulo 31º), diversas mensagens, das quais ele, depois de tê-las analisado, anota que jamais poderiam proceder de

Vicente de Paula, de Maria de Nazaré e de outros tantos espíritos respeitados e considerados pela Humanidade. É o caso em que certas entidades banais dão nomes de vultos que gozam ou que gozaram no mundo de respeitosa projeção.

Mas, temos ainda um outro tipo de mistificação, que é a mistificação do indivíduo, do “médium”, quando, por motivos diversos, não sendo portador de faculdades mediúnicas, ou ainda que seja, mas não sendo dotado da capacidade de comunicar, de permitir a comunicação de tal e qual espírito ele forja, com interesses os mais estranhos. Aí encontramos a mistificação por parte do suposto médium.

É importante, porém, que nos lembremos de que todas as nossas ações, como se reporta *O Livro dos Espíritos*, são conduzidas pelos espíritos. Normalmente são eles que nos dirigem, conforme o item 459, da citada obra. Logo, quando se começa a fraudar, a mistificar por quaisquer interesses, no início é o próprio indivíduo com a sua mente doente, mas, a partir daí, passa a atrelar-se a entidades mistificadoras, submetido, então, à influência espiritual. A princípio, a criatura é mistificadora sem ser propriamente médium. Depois advém a “sociedade” de forças, surgindo o engodo. No primeiro impulso era fruto do encarnado, depois os espíritos complementam.

Foi perguntado a Chico Xavier, e publicado no livro *No Mundo de Chico Xavier* ⁽³⁶⁾, se alguma vez ele teria sido alvo de mistificação da parte de espíritos.

Ele disse que sim. E quando foi inquirido sobre

qual a razão porque Emmanuel lhe permitira essa vivência de algum espírito comunicar-se e dizer-se quem não era, ele afirmou que aquilo se destinava a que ele visse que não estava invulnerável à insuflação negativa.

Jesus Cristo teve ensejo de dizer que, se Possível fosse, essas entidades, os falsos profetas, enganariam aos próprios eleitos. Costumamos nos indagar: “E nós que ainda somos apenas candidatos?” (37)

As considerações de Raul Teixeira são bem oportunas, pois nos alerta sobre a existência da mistificação que não deve ser confundida com animismo.

5º) **Lamartine Palhano Jr., *Transe e Mediunidade***, cap. 3 – Animismo:

Aksakof observou que todos os fenômenos mediúnicos, provocados pelos espíritos por meio dos médiuns, podiam também ser produzidos pelo espírito encarnado, desde que estivesse num certo estágio de emancipação da alma, até mesmo os fenômenos de efeitos físicos, que também têm origem psíquica. Será demonstrado adiante que esses fenômenos anímicos podem ser produzidos também em estado de lucidez ou de vigília, não apenas nos estados 'inconscientes', como afirmou Aksakof,

visto que ele observou esses fatos apenas nos médiuns em estágios de transe profundo ou sonambúlico (inconsciente). A lógica da observação científica diz claramente que, **em estado de emancipação, a alma do homem assume todos os atributos do espírito** (veja pergunta 420 de *O livro dos espíritos*).

[...] Mas, antes de tudo, **é preciso entender que Allan Kardec, bem antes de Aksakof, já havia percebido que o espírito encarnado podia, em dadas condições de emancipação, produzir os fenômenos apenas catalogados como mediúnicos.**

Mediamínico. (Construção híbrida do latim *medius* – *i* = mediano, intermediário; e do francês: *âme* = alma.) Qualidade da faculdade dos médiuns; faculdade mediamínica (Allan Kardec em seu *Vocabulaire spirite*, inserido na primeira edição de *O livro dos médiuns*). Com esta expressão *médiaminique*, Kardec demonstrou conhecer que a alma, isto é, **o espírito encarnado, quando em um grau qualquer de emancipação, pode realizar os mesmos fenômenos que um espírito desencarnado pode provocar em um médium.** Assim, considerando que há fenômenos *anímicos* associados aos mediúnicos, o autor os reuniu nesta expressão. Hoje, em dia, os espíritas brasileiros conhecem mais o termo *anímico* (de anima = alma), devido aos trabalhos de Aksakof, portanto o termo mais usado em nosso meio é *medianímico*.

15 – Na sua obra *O livro dos espíritos*, Kardec incluiu o capítulo “Emancipação da Alma”, onde procede a um estudo detalhado das possibilidades

espiríticas do espírito encarnado. Primeiro ele considerou a liberdade do espírito encarnado durante o sono físico e fez diversas considerações sobre o sonho; depois analisou as visitas espíritas entre pessoas vivas e, em seguida, fez um breve estudo sobre a transmissão do pensamento (telepatia), uma análise dos transe letárgicos (letargia, catalepsia e mortes aparentes), sonambulismo, êxtase, segunda vista (vidência), terminando com um ensaio teórico do sonambulismo, do êxtase e da segunda vista. **Kardec se ateu aos fenômenos psicossensoriais com relação aos fenômenos anímicos, e não os considerou mediúnicos, mas, sim, como produto da ação da alma emancipada. [...].**

É possível, assim, definir aqui que *animismo* foi um neologismo para significar que a alma do médium pode comunicar-se como a de qualquer outro, pois, quando possui certo grau de liberdade, recobra suas qualidades de espírito. **Na prática espírita, trata-se de um estado de transe, no qual quem opera, produzindo fenômenos psíquicos e mesmo de efeitos físicos, é o espírito do próprio encarnado e não um espírito desencarnado, pois neste caso seria mediunismo e não animismo.** Desde que há dissociação psíquica e o espírito de uma pessoa emancipa-se, ainda que seja parcialmente, ele pode produzir os mesmos fenômenos produzidos pelos espíritos que se comunicam através de médiuns.

16 – Por definição, **os fenômenos espíritas são de duas naturezas: *anímicos e mediúnicos.***

Nos primeiros é o espírito encarnado, em estado de transe, que produz os fenômenos espíritas; nos mediúnicos, há um intercâmbio espiritual, e os espíritos produzem os fenômenos por meio dos médiuns, utilizando-se de suas energias psíquicas e possibilidades de transe. Daí que muitas vezes Kardec generalizou todos os fenômenos espíritas dentro do conceito de mediunidade, visto que o espírito emancipado pode se comunicar. Em nossas observações, todos os médiuns testados foram capazes de produzir fenômenos anímicos, o que pode ser experimentado em qualquer grupo mediúnico, basta que se proceda como sugerimos em um dos exercícios propostos abaixo. **É possível observar também que é praticamente impossível traçar uma divisa entre o fenômeno anímico e o mediúnico, e quando essas duas faculdades estão unificadas, ostensivamente atuantes, como é o caso de um vidente que conversa com um espírito, há o fenômeno medianímico. ⁽³⁸⁾ (itálico do original)**

6º) **Suely Caldas Schubert** (1938-2021), ***Dimensões Espirituais do Centro Espírita***, cap. 17 - Animismo, comenta os capítulos de *Nos Domínios da Mediunidade* ⁽³⁹⁾ e *No Mundo Maior* ⁽⁴⁰⁾, ditados por André Luiz, que reportam ao animismo. Vamos destacar o seguinte trecho:

Temos, portanto, duas realidades: *Fenômeno anímico*: quando ocorrem manifestações de animismo puro. Neste há um componente anímico apenas, ou seja, do encarnado (caso narrado em *Nos domínios da Mediunidade*). *Fenômeno mediúnico*: **No fenômeno mediúnico há um componente espiritual (do desencarnado) e um componente anímico (do encarnado). Não há fenômeno mediúnico sem participação anímica** (caso da médium Eulália).

Kardec elucida quanto ao fenômeno mediúnico e o componente anímico de modo muito claro:

Com um médium, cuja inteligência atual ou anterior se ache desenvolvida, o nosso pensamento se comunica instantaneamente de Espírito a Espírito, por uma faculdade peculiar à essência mesma do espírito.

No cérebro do médium encontramos elementos próprios a dar ao nosso pensamento a vestidura da palavra que lhe corresponda.

Essa a razão porque, seja qual for a diversidade dos Espíritos que se comunicam com um médium, os ditados que este obtém, embora procedendo de Espíritos diferentes, trazem, quanto à forma e ao colorido, o cunho que lhe é pessoal. ⁽⁴¹⁾ (itálico do original)

Eis aí o nosso problema: entendemos que pelo fato de usar algo do patrimônio intelectual do médium, isso necessariamente não significa fenômeno anímico, uma vez que se trata da

manifestação da alma e não do que o médium conquistou através de suas várias experiências em vidas passadas.

7ª) **Therezinha Oliveira** (1930-2013), da obra **Reuniões Mediúnicas**, 12ª - Animismo na prática mediúnica, transcrevemos:

Animismo é o nome que se dá ao fenômeno produzido pelo encarnado com suas próprias faculdades espirituais, sem o uso dos sentidos físicos, graças à expansão do seu perispírito (Ex: telepatia, clarividência, ideoplastia, bicorporeidade, etc.)

Difícilmente conseguiremos isolar completamente o animismo da mediunidade, no fenômeno mediúnico, porque:

1. são as próprias faculdades anímicas dos médiuns que os fazem instrumento para as manifestações dos espíritos;

2. nem sempre podemos definir, com exatidão, quando o fenômeno está ou não sendo provocado ou coadjuvado por espírito.

No meio espírita, há a preocupação de se procurar entender e avaliar até que ponto possa ter havido participação ou interferência do médium no fenômeno mediúnico observado. E costuma-se classificar esse animismo como parcial ou total. ⁽⁴²⁾ (itálico do original)

Não são poucos os estudiosos espíritas que tomam tudo do médium como fenômeno anímico, como estamos vendo.

Autores do além-túmulo também opinam

Veremos o que alguns Espíritos disseram a respeito do tema.

1º) **Manoel Philomeno de Miranda, Qualidade na Prática Mediúnica**, 1ª parte - Os espíritos respondem, tópico “Animismo”, lemos:

8. Como a Doutrina Espírita explica a interferência anímica no fenômeno mediúnico?

O processo de comunicação dá-se somente através da identificação do Espírito com o médium, perispírito a perispírito, cujas propriedades de expansibilidade e sensibilidade, entre outras, permitem a captação do pensamento, das sensações e das emoções, que se transmitem de uma para outra mente através do veículo sutil.

O médium é sempre um instrumento passivo, cuja educação moral e psíquica lhe concederá recursos hábeis para um intercâmbio correto. Nesse mister, inúmeros impedimentos se apresentam durante o fenômeno, que somente o exercício prolongado e bem dirigido consegue eliminar.

Dentre outros, vale citar as fixações mentais, os conflitos e os hábitos psicológicos do sensitivo, que ressumam do seu inconsciente e, durante o transe, assumem com vigor os controles da faculdade mediúnica, dando origem às ocorrências anímicas.

Em si mesmo, o animismo é ponte para o mediunismo, que a prática do intercâmbio termina por superar. Todavia, vale a pena ressaltar que no fenômeno anímico ocorrem os de natureza mediúnica, assim como nos mediúnicos sucedem aqueles de caráter anímico.

*Qualquer artista, ao expressar-se, na música, sempre dependerá do instrumento de que se utilize. O som provirá do mecanismo utilizado, embora o virtuosismo proceda de quem o acione. **O fenômeno puro e absoluto ainda não existe no mundo orgânico relativo...** Os valores intelectuais e morais do médium têm preponderância na ocorrência fenomênica, porquanto serão os seus conhecimentos, atuais ou passados, que vestirão as ideias transmitidas pelos desencarnados.*

(VIVÊNCIA MEDIÚNICA, Cap. Complexidades do Fenômeno Mediúnico, Manoel Philomeno de Miranda/Divaldo P. Franco – LEAL) ⁽⁴³⁾ (itálico do original)

2º) **Camilo, Desafios da Mediunidade**, Parte II, cap. Sobre fenômenos mediúnicos, pela psicografia de Raul Teixeira:

30. Como distinguir as comunicações anímicas das mediúnicas?

Importante levar-se em conta que **a manifestação anímica ocorre em razão de algum tipo de estímulo, de fator desencadeante, do exterior, que desata reminiscências íntimas, encontradas em certo estado de acomodação. Tais reminiscências vêm à tona, exteriorizando-se por meio de palavras, de atos, de gestos,** ou não podendo tão-só despontar no psiquismo, alcançando as zonas do pensamento em forma de lembranças, saudade sem que se saiba de quem ou de que, tristezas infundadas, sem qualquer exteriorização.

Pode ocorrer que elementos de encarnações precedentes, próximas ou remotas, emergem na superfície da mente, deixando a nítida impressão, a quem está sofrendo o fenômeno, ou a quem está lidando com esse alguém, de que se trata de manifestação de uma mente estranha atuando sobre o sensitivo encarnado.

Podem se dar, ainda, **simulações de manifestações mediúnicas, quando “desatam” na mente do encarnado elementos da mesma encarnação, mas vividos e represados na infância, na juventude ou mesmo na fase adulta,** elementos esses que rompem a carapaça criada por incontáveis situações, e se apresentam com aspectos capazes de confundir a grande maioria dos que lidam nessa área, sejam médiuns, doutrinadores, spiritistas ou não.

O sensitivo com características anímicas não tem consciência, a princípio, de que o é. **Sofre o**

fenômeno e garante que é fundo mediúnico, em virtude dos dados estranhos, diferentes, que se apresentam durante o surto.

Os doutrinadores, quando se trata de reuniões mediúnicas, são levados a crer na versão mediúnica pelos mesmos motivos. Costumam se dar alterações fisionômicas ou vocais, modificação de grafia e o sensitivo pode se mostrar mais ou menos hábil em vários setores da sua intelectualidade. Não esqueçamos que é a “porta” de um pretérito mais ou menos rico de valores que irrompe, como magna de um vulcão, jorrando para o exterior substâncias que até então eram desconhecidas, por estarem representadas em sua intimidade.

A princípio, é muito difícil fazer-se distinção entre manifestação anímica e manifestação mediúnica. É muito tênue o véu que separa uma da outra. No entanto, Allan Kardec admite que se pode distinguir se um Espírito que se comunica, que responde a algo, é ou não o do médium *“pela natureza das comunicações, Estuda as circunstâncias e a linguagem e distinguirás. Por isso é que te digo: estuda e observa.”* (44)

Bem se vê que não é uma distinção que se possa fazer de uma olhada ou mera desconfiança. É necessário o apoio da investigação, do estudo atilado, ao largo do tempo. É preciso que se desenvolva o senso de observação aquele que tem necessidade de estabelecer a distinção entre um e outro tipo de fenômeno.

Kardec reforça a importância de se aprofundar a observação quando é indagado a respeito de

médiuns que trazem consigo bagagens de conhecimentos esquecidos, de outras existências, que podem fluir quando esses mesmos médiuns se acham como Espíritos, em estado de emancipação, fazendo-os exprimir ideias que parecem fora de sua capacidade instrucional. Diz ele, então: “*Estuda longamente e medita.*” ⁽⁴⁵⁾ ⁽⁴⁶⁾ (itálico do original)

No último parágrafo, o “*Estuda longamente e medita*” não foi Allan Kardec quem disse, mas faz parte da resposta à questão proposta por ele aos Espíritos, senão vejamos, em **O Livro dos Médiuns**:

4. *Desde que o Espírito do médium pode ter adquirido, em existências anteriores, conhecimentos que esqueceu sob o invólucro corpóreo, mas de que se lembra como Espírito, não poderá ele tirar das profundezas de si mesmo as ideias que parecem ultrapassar o alcance da sua instrução?*

“Isso acontece frequentemente, **no estado de crise sonambúlica ou extática**, mas ainda uma vez repito: há circunstâncias que não permitem dúvida. Estudai *longamente* e meditai. ⁽⁴⁷⁾ (itálico do original)

A situação proposta na pergunta ocorre no “estado de crise sonambúlica ou extática” e não de

forma genérica, é bom deixar isso bem claro.

3º) **Áulus, Nos Domínios da Mediunidade**, cap. 22 – Emersão do passado, da narrativa de seu diálogo com Hilário, transcrevemos:

Perplexos, Hilário e eu [André Luiz] lançamos um olhar indagador ao Assistente, que **nos percebeu a estranheza, porquanto a enferma, sem a presença da mulher invisível que parecia personificar, prosseguia em aflitiva posição de sofrimento.**

– **Não vejo a entidade de quem a nossa irmã se faz intérprete** – alegou Hilário, curioso.

– Sim – disse por minha vez –; observo em nossa vizinhança um triste companheiro desencarnado, mas se ele estivesse telepaticamente ligado à nossa amiga, decerto a mensagem definiria a palavra de um homem, sem as características femininas da lamentação que registramos... Em verdade, **não notamos aqui qualquer laço magnético que nos induza a assinalar fluidos teledinâmicos sobre a mente da médium...**

Áulus afagou a fronte da doente em lágrimas, como se lhe auscultasse o pensamento, e explicou:

– **Estamos diante do passado de nossa companheira.** A mágoa e o azedume, tanto quanto a personalidade supostamente exótica de que dá testemunho, **tudo procede dela mesma...** Ante a aproximação de antigo desafeto, que ainda a

persegue de nosso plano, revive a experiência dolorosa que lhe ocorreu, em cidade do Velho Mundo, no século passado, e entra em seguida a padecer insopitável melancolia. ⁽⁴⁸⁾

Avançando para um ponto mais à frente, lemos:

Sorrindo, paternal, considerou:

– Sem dúvida, em tais momentos, **é alguém que volta do pretérito a comunicar-se com o presente, porque ao influxo das recordações penosas de que se vê assaltada**, centraliza todos os seus recursos mnemônicos tão-somente no ponto nevrálgico em que viciou o pensamento. Para o psiquiatra comum é apenas uma candidata à insulinoterapia ou ao electrochoque, entretanto, para nós, é uma enferma espiritual, uma consciência torturada, exigindo amparo moral e cultural para a renovação íntima, única base sólida que lhe assegurará o reajustamento definitivo.

Analisei-a, com atenção, e concluí:

– **Mediunicamente falando, vemos aqui um processo de autêntico animismo**. Nossa amiga supõe encarnar uma personalidade diferente, quando apenas exterioriza o mundo de si mesma...

– Poderíamos, então, classificar o fato no quadro da mistificação inconsciente? – interferiu Hilário, indagador.

Áulus meditou um minuto e ponderou:

– Muitos companheiros matriculados no serviço de implantação da Nova Era, sob a égide do Espiritismo, **vêm convertendo a teoria animista**

num travão injustificável a lhes congelarem preciosas oportunidades de realização do bem; portanto, não nos cabe adotar como justas as palavras “mistificação inconsciente ou subconsciente”, para batizar o fenômeno. **Na realidade, a manifestação decorre dos próprios sentimentos de nossa amiga, arrojados ao pretérito, de onde recolhe as impressões deprimentes de que se vê possuída, externando-as no meio em que se encontra.** E a pobrezinha **efetua isso quase na posição de perfeita sonâmbula**, porquanto se concentra totalmente nas recordações que já assinalamos, como se reunisse todas as energias da memória numa simples ferida, com inteira despreocupação das responsabilidades que a reencarnação atual lhe confere. [...]. ⁽⁴⁹⁾

No fenômeno mediúnico, a médium não estava sintonizada com um Espírito, apenas o seu passado lhe surgiu, dado a parecer se tratar de uma manifestação. É a isso que, nessa obra, está se dizendo ser animismo.

Conclusão

Não bastasse a confusão entre os adeptos do Espiritismo, temos a opinião de vários Espíritos que acabam aumentando o nível de desentendimento.

Em nossa modesta opinião, se é usado o termo animismo, criado por Aksakof, deveríamos manter o conceito que ele nos deu. Não faz sentido algum juntarmos os fenômenos de personismo e de animismo tratando-os como se fosse só esse último.

Aksakof fala da ocorrência de fenômeno mediúnico misto, ou seja, animismo e Espiritismo. Porém, nada disse sobre personismo e animismo acontecendo ao mesmo tempo. Em relação a esses dois, só considerou como ocorrendo o último.

Mas, a essa altura do campeonato, acreditamos ser impossível desentranhar essa ideia do meio espírita. Torcemos para que com estudos mais aprofundados isso possa ser revertido, já que o que nos resta é apenas essa chama de esperança.

Referências bibliográficas

- AKSAKOF, A. *Animismo e Espiritismo - vol. I*. Rio de Janeiro: FEB, 2002.
- AKSAKOF, A. *Animismo e Espiritismo - vol. II*. Rio de Janeiro: FEB, 2002.
- ALMEIDA, W. B. *A complexidade da Prática Mediúnica*. Brasília: FEB, 2014.
- BOZZANO, E. *Animismo ou Espiritismo?* Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- BOZZANO, E. *Comunicações Mediúnicas Entre Vivos*. São Paulo: Edicel, 1978.
- CARRARA, O. P. *Médiuns*. São Paulo: Mythos Editora, 2008.
- DELANNE, G. *A Alma é Imortal*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- DENIS, L. *No Invisível*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- EQUIPE PROJETO MANOEL P. DE MIRANDA, (João Neves, Geraldo Azevedo, Nilo Calazans e José Ferraz), *Vivência Mediúnica*. Salvador: LEAL, 2001.
- FRANCO, D. P. e TEIXEIRA, J. R. *Diretrizes de Segurança*. Niterói (RJ): Editora Fráter, 1990.
- GARCIA, W. (org) *Conversa Sobre Mediunidade: Curas obsessão e sonhos / J. Herculano Pires*. São Paulo: Editora Paideia, 2021.
- GELEY, G. *Resumo da Doutrina Espírita*. São Paulo: LAKE, 2009.
- KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. *Obras Póstumas*. São Paulo: LAKE, 2007.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1859*. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1865*. Araras (SP): IDE, 2000.

- LOEFFLER, C. F. *Fundamentação da Ciência Espírita*. Niterói (RJ): Lachâtre, 2003.
- MIRANDA, H. C. *Diversidade dos carismas: teoria e prática da mediunidade. Vol. I*. Niterói, RJ, 1991.
- OLIVEIRA, T. *Reuniões Mediúnicas*. Capivari (SP): EME, 1996.
- PALHANO JR., L. *Léxico Kardequiano*. Rio de Janeiro: CELD, 1999.
- PALHANO JR., L. *Transe e Mediunidade*. São Paulo: Lachâtre, 2007.
- PROJETO MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA, *Qualidade na Prática Mediúnica*. Salvador: LEAL, 2000.
- SCHUBERT, S. C. *Dimensões Espirituais do Centro Espírita*. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- TEIXEIRA, J. R. *Desafios da Mediunidade*. Niterói (RJ): Fráter, 2012.
- XAVIER, F. C. *Nos Domínios da Mediunidade*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- Editora do Conhecimento, dados biográficos de Carlos F. Loeffler, disponível em: <http://edconhecimento.com.br/?autores=carlos-toeffler>. Acesso em: 25 set. 2021.
- VOCABULÁRIO ESPÍRITA, *Animismo*, in. O Consolador (site) disponível em: <http://www.oconsolador.com.br/linkfixo/vocabulario/principal.html>. Acesso em: 23 set. 2021.
- Capa: <https://media.istockphoto.com/photos/woman-heading-for-dreamland-picture-id612858060?k=20&m=612858060&s=612x612&w=0&h=Nvc-M6WIBVq6yFkDgjQhO4gps8b6j6iGkk70rvnvl6g>. Acesso em: 26 set. 2021.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Escreveu vários artigos que foram publicados em seu site www.paulosnetos.net e alguns outros sites Espíritas na Web.

Livros publicados:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; e 6) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. I*;

b) digitais: 1) *Espiritismo e Aborto*; 2) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. II*; 3) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. III*; 4) *Racismo em Kardec?*; 5) *Espírito de Verdade, quem seria ele?*; 6) *A Reencarnação tá na Bíblia*; 7) *Manifestações de Espírito de pessoa viva (em que condições elas acontecem)*; 8) *Homossexualidade, Kardec já falava sobre isso*; 9) *Chico Xavier, verdadeiramente uma alma feminina*; 10) *Os nomes dos*

títulos dos Evangelhos designam seus autores?; 11) Apocalipse: autoria, advento e a identificação da besta; 12) Francisco de Assis e Chico Xavier seriam o mesmo Espírito?; 13) A mulher na Bíblia; 14) Todos nós somos médiuns?; 15) Os seres do invisível e as provas ainda recusadas pelos cientistas; 16) O Perispírito e as polêmicas a seu respeito; 17) Allan Kardec e a lógica da reencarnação; 18) O fim dos tempos está próximo?; 19) Obsessão, processo de cura de casos graves; 20) Umbral, há base doutrinária para sustentá-lo?; 21) A aura e os chakras no Espiritismo; 22) Os Quatro Evangelhos, obra publicada por Roustaing, seria a revelação da revelação?; 23 - Espiritismo: Religião sem dúvida; e 24) Allan Kardec e suas reencarnações.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 KARDEC, *Revista Espírita* 1867, p. 122.
- 2 VOCABULÁRIO ESPÍRITA, *Animismo*, in. O Consolador (site) disponível em:
<http://www.oconsolador.com.br/linkfixo/vocabulario/principal.html>
- 3 PALHANO JR., *Léxico Kardequiano*, p. 36-37.
- 4 AKSAKOF, *Animismo e Espiritismo*, p. 19.
- 5 Efeitos plásticos seriam as materializações.
- 6 AKSAKOF, *Animismo e Espiritismo*, vol. I, p. 22-25.
- 7 Nota da Transcrição (N.T.): A palavra animismo foi a princípio empregada por Stahl, se não me engano; em seu sistema médico, ele considera a alma (**anima**) como o princípio vital; o corpo é não somente a criação da alma, como ainda todas as suas funções vitais são executadas por esta última. Em nossos dias esse termo foi empregado por Taylor, em seu livro **Cultura Primitiva**, em um sentido amplo, para designar não somente a ciência que trata da alma (como de uma coisa essencial independente) e de suas diversas manifestações terrestres ou póstumas, mas também a doutrina referente a qualquer espécie de seres espirituais ou espíritos. Quanto a mim, adotei o termo **animismo** em sentido mais restrito e mui determinado. Na verdade, a palavra **psiquismo** teria podido preencher o mesmo fim que a palavra **animismo**, mas, uma vez aceita a palavra **espiritismo**, parece-me que é preferível formar as duas expressões com radicais latinos e adotar esses dois termos para designar essas duas categorias de fenômenos, absolutamente distintos quanto à sua fonte, se bem que tenham grande afinidade em sua manifestação exterior. Demais, o adjetivo **psíquico** serve hoje para traduzir as mais variadas ideias, frequentemente muito vagas. (grifo do original)
- 8 AKSAKOF, *Animismo e Espiritismo - vol. II*, p. 226-231.
- 9 GELEY, *Resumo da Doutrina Espírita*, p. 70-73.
- 10 DELANNE, *A Alma é Imortal*, p. 135-136.

- 11 N. T.: Ob. cit., cap. VII, nºs 114 e seguintes. Ver também “*O Livro dos Espíritos*”, Parte 2ª, cap. VIII, “*Visitas espíritas entre pessoas vivas*”, e “*Revue Spirite*”, 1860, pág. 81 – Evocação do Espírito do Dr. “Vignal, adormecido.
- 12 DENIS, *No Invisível*, p. 149-150.
- 13 BOZZANO, *Comunicações Mediúnicas Entre Vivos*, p. 11-12.
- 14 BOZZANO, *Animismo ou Espiritismo?*, p. 9.
- 15 BOZZANO, *Animismo ou Espiritismo?*, p. 51-52.
- 16 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 223-228.
- 17 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 229.
- 18 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 230.
- 19 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 233-235.
- 20 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 236.
- 21 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 351.
- 22 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 199-200.
- 23 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 256.
- 24 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 49.
- 25 MIRANDA, *Diversidade dos Carismas*, p. 110.
- 26 CARRARA, *Médiuns*, p. 173-174.
- 27 Nota da transcrição: XAVIER, Francisco Cândido. *Mecanismos da Mediunidade*. Cap. 23, 2013.
- 28 ALMEIDA, *A Complexidade da Prática Mediúnica*, p. 172.
- 29 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 9.
- 30 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 82.
- 31 Ver os dados biográficos de Carlos F. Loeffler, no site da Editora do Conhecimento, disponível em: <http://edconhecimento.com.br/?autores=carlos-toeffler>
- 32 LOEFFLER, *Fundamentação da Ciência Espírita*, p. 265-266.
- 33 EQUIPE PROJETO MANOEL P. DE MIRANDA, (João Neves, Geraldo Azevedo, Nilo Calazans e José Ferraz), *Vivência Mediúnica*, 89.

- 34 GARCIA, *Conversando Sobre Mediunidade: Curas Obsessão e Sonhos* /J. Herculano Pires, p. 49-50.
- 35 GARCIA, *Conversando Sobre Mediunidade: Curas Obsessão e Sonhos* /J. Herculano Pires, p. 52.
- 36 N.T.: XAVIER, F. C. *No mundo de Chico Xavier*, Elias Barbosa, itens 35, 36, 37, 5 ed. IDE, Araras-SP, 1983.
- 37 FRANCO e TEIXEIRA, *Diretrizes de Segurança*, p. 85
- 38 PALHANO JR., *Transe e Mediunidade*, p. 29-31.
- 39 N.T.: *Nos domínios da mediunidade*, de Francisco C. Xavier, cap. 22 “Emersão do passado”.
- 40 N.T.: *No Mundo Maior*, de Francisco C. Xavier, cap. 9 “Mediunidade”.
- 41 SCHUBERT, *Dimensões Espirituais do Centro Espírita*, p. 213.
- 42 OLIVEIRA, *Reuniões Mediúnicas*, p. 67.
- 43 PROJETO MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA, *Qualidade na Prática Mediúnica*, p. 27-28.
- 44 N.T.: *O Livro dos Médiuns*, cap. XIX, item 223 (3ª).
- 45 N.T.: *O Livro dos Médiuns*, cap. XIX, item 223 (4ª).
- 46 TEIXEIRA, *Desafios da Mediunidade*, p. 48-50.
- 47 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 226.
- 48 XAVIER, *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 210-211.
- 49 XAVIER, *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 212-213.